

**Para uma história natural do mesmo e da diferença:
uma jornada do bóson ao gênero**

For a natural history of the same and the difference:
a journey from the boson to the genre

Por una historia natural de lo mismo y la diferencia:
un viaje del bosón al género

Eduardo Ledo

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)

eduardo_ledo@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-8631-0207>

RESUMO

A existência da matéria incontável e a sua organização em coisas singulares contáveis, organizadas em dialética de contrastes entre o mesmo e o diferente, é apresentada na sua complexidade progressiva, com a emergência de sucessivas organizações da natureza física contingente como o-que-há, passando às suas singularizações em objetos pregnantes, recortados pela linguagem e apresentados à consciência. Das diferenças sub-atômicas às separações em gêneros, o mesmo e o diferente são apresentados como dependentes da consciência que observa e separa os objetos nos seus contrastes com o mundo e com outros objetos. Partindo de contrastes entre os recortes objetais imagéticos e as suas ordenações simbólicas na linguagem, emergem os instrumentais do pensamento, criador e criatura da realidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Diferença; Mesmo; Objeto; Linguagem. Realidade.

* Sobre o autor ver página 161.



ABSTRACT

The existence of countless matter and its organization into countable singular things, organized in a dialectic of contrasts between the same and the different, is presented in its progressive complexity, with the emergence of successive organizations of the contingent physical nature as-there-is, passing on to the their singularizations in highlighted objects, cut out by language and presented to the consciousness. From sub-atomic differences to gender separations, the same and the different are presented as dependent on the consciousness that observes and separates objects in their contrasts with the world and with other objects. Starting from contrasts between the imagery object cuts and their symbolic orderings in language, emerge the instrumentals of thought, creator and creature of human reality.

KEYWORDS: *Difference; Same; Object; Language; Reality.*

RESUMEN

La existencia de innumerables materias y su organización en cosas singulares contables, organizadas en una dialéctica de contrastes entre lo mismo y lo diferente, se presenta en su progresiva complejidad, con el surgimiento de sucesivas organizaciones de la naturaleza física contingente tal-cual-existe, pasando a sus singularizaciones en objetos resaltados, recortados por el lenguaje y presentados a la conciencia. Desde las diferencias sub-atómicas hasta las separaciones de género, lo mismo y lo diferente se presentan como dependientes de la conciencia que observa y separa los objetos en sus contrastes con el mundo y con otros objetos. A partir de los contrastes entre los recortes de objetos imagéticos y sus ordenamientos simbólicos en el lenguaje, emergen los instrumentos del pensamiento, creador y criatura de la realidad humana.

PALABRAS-CLAVE: *Diferencia; Mismo; Objeto; Lenguaje; Realidad.*

Por que *há* algo, ou, reformulando a pergunta para melhor clareza, por que existe o mundo e nele os seus elementos, objetos, coisas e conceitos objetiváveis e singularizados com as suas diferenças? Por que simplesmente não haver nada? Havendo algo, como objetivar o mesmo e confrontá-lo com o contraste do outro, do diferente? Tais questões se encontram no cerne das discussões fundadoras de toda ontologia, mas se estendem também aos questionamentos ingênuos do senso comum, bem como para os métodos das ciências e das suas epistemologias.

1 Matéria incontável e as coisas contáveis

A natureza inorgânica *é*, não depende de qualquer causa aristotélica ou sentido simbólico. Permanece como existência bruta, concreta, sem promessas, sem valores e, apesar das grandes teorias que idealizam o início e o fim de todas as coisas, se apresenta na dimensão atemporal da matéria e das coisas que *são* e se transformam em um presente contínuo. A teleologia *é* fruto do universo simbólico, dependente de narrativas e prognósticos alinhavados em memórias de

um passado que não mais existe e de um futuro que é pura promessa. Se abstrairmos as discussões físicas associadas à relatividade e às fantasmagorias quânticas, do ponto de observação existencial humana o tempo natural se apresenta como um eterno presente; passado e futuro são construções de consciências com memórias narrativas e esperanças que pacificam a falta de sentido *a priori* de todo existente.

2 Do nada ao objeto

Do salto entre a abstração de um *nada* a um *tudo*, a matéria original cegamente se organizará em subpartículas, partículas elementares, átomos, forças nucleares fortes, fracas, gravidade e eletromagnetismo, separando-se em *coisas* individualizadas passíveis de destaques e pregnâncias. O *gênese*, segundo o modelo standard da física, foi a passagem da inexistência ao existente no átimo temporal de uma pequena oscilação quântica seguida por uma suposta inflação cósmica, nascedouro da matéria incontável (uma *res-extensa* primordial, sem contornos, destaques ou singularizações, logo sem diferenças) que deixou o seu rastro no surpreendente equilíbrio térmico entre as mais distantes regiões do cosmo. Durante os bilhões de anos que atribuímos ao universo conhecido, nenhuma consciência existiu para observar e destacar o contorno dos elementos que compunham o mundo. Tratava-se de um *real* sem sentido, sem causalidade. Com a emergência da vida, objeto da biologia, a interação entre os primeiros protozoários e o ambiente necessitou de uma progressiva codificação que permitisse a manutenção da homeostasia, garantindo a estabilidade dinâmica dos processos metabólicos para a manutenção do indivíduo como persistência do mesmo, bem como da sua prole e espécie. Posteriores aos recortes cegos das partículas físicas e dos compostos químicos, surgem as emergências dos recortes biológicos. Mesmo com a progressiva complexidade que permitiu à matéria se individualizar em partículas, átomos, moléculas e organismos, as *coisas* ainda não poderiam ser concebidas, uma vez que nenhum ponto de observação consciente existia para realizar o recorte de pregnâncias entre a figura e o fundo objetal.

3 Linguagem e pensamento

Ao pensarmos sobre o existente, assumimos que o próprio pensamento se apresenta como uma ruptura no universo concreto e imanente das coisas, já que se remete a representações dos objetos e se compromete com as suas nomeações, produzindo a interação não de coisas, mas dos seus nomes, significantes que interagem sem a inercia da matéria. As nomeações, com as suas posteriores sofisticções pronominais e declinações verbais, codificam o real apreensível e dão vida ao universo simbólico, introduzindo as dimensões do tempo pretérito e futuro, graças à plataforma de inscrições e permanências mnêmicas amarradas a um corpo, ancoragem material da duração.

Ao entendermos que o universo simbólico em que transitamos é o doador dos sentidos e da percepção temporal de longo prazo à consciência, o que permanece “lá fora” das grades da linguagem, quando não há consciência simbólica?

4 Da física à biologia

A evolução dotou cada ser vivo com especificidades sensoriais na sua relação com o mundo físico; assim, um recorte próprio da natureza é dado pelos receptores sensitivos e pela percepção decodificada em um centro de controle organizador do conjunto das sensações. Se, no caso dos vegetais, tal interação encontra-se incorporada analogicamente no próprio funcionamento corpóreo com os seus códigos naturais, nos animais a progressiva especialização nervosa acabou por gerar centros de comando com características cibernéticas, como os gânglios nervosos, e outros mais complexos e com processamentos digitais, organizados em um sistema nervoso central.

Toda singularização da matéria e das coisas exige algum grau de “escolha” de figura e fundo. O universo se estende como uma enorme força eletromagnética que compõe o todo. Podemos dissecar tais forças a partir de partículas e subpartículas, ou talvez, em última instância, em meras frequências, se estiver certa a teoria das cordas. Esse grande todo é o que há. Na falta de um ponto virtual de observação consciente, nenhuma diferença individualizante, nenhum recorte de coisa em contraste ao que não é tal coisa pode ser destacado. Sem nomeação e sem distinção simbólica ou imaginária, mesmo os conceitos de todo ou parte se desvanecem. A matéria, na sua organização cega e contingente, acabou por produzir átomos, moléculas e, finalmente, vida. Ainda submetida às contingências do acaso, a evolução dotou os animais com códigos estereotipados progressivamente mais complexos, tornando-os aptos a interagir com a própria natureza. Muitos são os exemplos conhecidos, como o comportamento coletivo dos insetos nas suas prodigiosas capacidades de organização e eficácia na luta pela sobrevivência, mas outros códigos naturais menos visíveis estão na base da emergência biológica a partir da química orgânica, como o código genético com a combinação de diferenças entre os ácidos aminados e, em nível ascendente de emergência, as associações dos diferentes aminoácidos para a composição das proteínas.

Tanto os comportamentos automatizados, codificados por mecanismos de lógica cibernética de relês que se autoalimentam com informações reverberantes, quanto os códigos silenciosos da base da vida, são o que são, são o que há. Ocorrem, independentemente das consciências, como parte da concretude do real, porém só se apresentam como processos quando capturados por uma consciência que lhes atribui predicados, temporalidade, finalidade e sentido simbólico.

5 A filosofia do nada e das coisas

A filosofia e as ciências são atividades humanas nas quais o universo simbólico, organizado pela linguagem, se associa ao mundo concreto para dar-lhe consistência e pregnância emergente, recortando a natureza nos seus elementos relevantes e úteis ao mundo como narrativa. Das categorias aristotélicas (ARISTÓTELES, 2000) às cartesianas *ideias claras e distintas* (DESCARTES, 2020 [1637]), encontramos a construção de gramáticas normativas sobre formas possíveis de organização da realidade, a partir das percepções e das suas traduções no encadeamento lógico entre significantes,

categorias significantes e suas conjugações temporais. A própria experiência de temporalidade de longa duração parece tributária da construção de narrativas que nos remetem ao passado, como memória do vivido ou do aprendido, ou nos faz avançar para um futuro potencial de criações fantasias e expectativas. A natureza e a sua tradução na língua dinâmica da filosofia e da ciência engendram a realidade humana de um mundo temporalizado e dotado de historicidade narrada.

Kant, em prefácio à sua *Crítica da razão pura*, pretendeu demonstrar que a apreensão dos objetos a priori seria dependente da razão humana, não da simples observação dos fenômenos concretos. Ele destaca que:

O primeiro a demonstrar o triângulo isósceles (Quer ele se chame Thales ou com outro nome) foi tomado por uma grande iluminação; porque achou que não deveria se apegar ao que via na figura, ou mesmo ao simples conceito que tinha sobre esta, mas ele deveria engendrar, construir (essa figura), a partir do que ele mesmo pensava a seu respeito, e entendeu que, para conhecer com adequação alguma coisa a priori, não deveria atribuir a essa coisa senão o que derivava necessariamente daquilo que, segundo o seu conceito, nela ele próprio havia posto (KANT, 1987 [1781], p. 39).

Fica patente que, para Kant, o recorte dos objetos que compõem a realidade não se confundiria com a observação empírica dos fenômenos, mas por suas características puras de apresentação como singularidades a priori, capturadas pela consciência. O platonismo idealista de tal formulação foi desconstruído pela física relativística e quântica do século XX, que jogou por terra as intuições e formas puras da sensibilidade representadas no espaço e tempo, dificultando os seus usos como categorias a priori do entendimento. No entanto, fica claro que, para Kant, a singularização dos fenômenos apresentados à consciência, bem como as diferenças entre tais fenômenos, não podem ser fundamentadas pela percepção empírica e imagética dos objetos, mas construída em recortes na consciência. Em Kant, a diferença dos objetos se estabeleceria pelos seus contrastes recíprocos em uma organização de elementos interdependentes. Nenhum objeto se impõe à consciência sem essa dialética de oposições.

Acrescento ainda isso, para maior esclarecimento. Todos os fenômenos, enquanto contidos em uma experiência possível, estão, no espírito, necessariamente em comunidade (*communio*) de apercepção; e para que os objetos possam ser representados como ligados e como existentes simultaneamente, faz-se necessário que eles determinem reciprocamente os seus lugares em um tempo e formem assim um todo. Mas para que essa comunidade subjetiva possa se repousar sobre um princípio objetivo ou se relacionar aos fenômenos como substâncias, é necessário que a percepção de um, como princípio, torne possível a do outro, e reciprocamente, a fim de que a sucessão, que nas percepções é sempre uma apreensão, não seja atribuída aos objetos, mas que esses possam ser representados como existentes simultaneamente (KANT, 1987 [1781], p. 242).

Também para Husserl o objeto não é determinado pela sua existência no mundo natural e empírico, ou em alguma propriedade da coisa-em-si, mas sim de um “sombreamento cativo e afigurativo do objeto”:

[...] O objeto não é efetivamente dado, isto é, ele não é plena e totalmente dado como aquele que ele mesmo é. Ele só aparece “do lado frontal”, “sombreado e em escorço” etc. Enquanto várias das suas determinações são representadas por imagens no núcleo da percepção – pelo menos de maneira exemplificada por essas últimas expressões- as outras determinações não entram na percepção, nem sequer sob essa forma de afiguração; os componentes do reverso invisível, do interior, etc. são na verdade subentendidos, co-visados, de uma maneira mais ou menos determinada. [...] Se a percepção fosse sempre o que pretende ser, isto é, a apresentação efetiva e genuína do próprio objeto, para cada objeto só haveria uma única percepção, visto que a essência peculiar da percepção se esgotaria nessa apresentação (HUSSERL, 1996 [1900/1901], p. 67).

A não existência de uma propriedade a priori do objeto apresenta-se em Husserl como o fundamento para a construção intuitiva da consciência, na qual o duplo objeto-consciência são captados e singularizados como intuição pura na suspensão do juízo, no *époché*. Na sua fenomenologia revelam-se as dificuldades em se estabelecer os recortes da realidade com as fronteiras entre os objetos e o mundo como diferença, mas a linguagem aparece negligenciada, caudatária da intuição, simples nomeação à posteriori do objeto intuído.

A filosofia analítica do século XX (KENNY, 2007, p. 115-163) (SCRUTON, 2008, p. 303- 318) (RUSSEL, 2015 [1945], p. 397-405) e as denominadas duas filosofias de Wittgenstein (WITTGENSTEIN, 1961 [1921; 1954]) pretenderam ir ao enalço de uma razão desprovida de toda metafísica e que pudesse traduzir tanto a concretude quanto o fluir causal dos processos naturais em linguagem lógica sobre o que pode ser dito. Nesse caso a linguagem não seria a ordenadora da realidade, mas sim a tradução de uma ordem natural até então obscurecida pelos discursos metafísicos. Os limites de tal pretensão estão na constatação factual de que a delimitação e o bordejamento dos objetos construídos a partir da pregnância simbólica perdem progressivamente as suas dependências da plataforma natural para se autonomizarem na própria teia simbólica. Figura e fundo do objeto tornam-se contrastes entre o que é destacado como significativo e as suas diferenças com outros significantes substantivos. Categorias e predicados seriam a sofisticação da relação entre o mesmo e a diferença no universo simbólico. Sem os limitantes concretos da matéria, as palavras determinam o contorno fluido das significações que só ganham consistência singular na oposição entre o mesmo e o diferente a partir do contexto criado pela teia significativa sincrônica, guardiã dos sentidos possíveis.

Com a emergência da consciência e do seu correlato inconsciente ao universo simbólico das línguas naturais, a *diferença*, tal como o *mesmo*, tornou-se virtual e legislativa no processo de ordenamento da realidade. Nesse estágio, a linguagem determina os limites das representações dos objetos concretos e organiza a criação de objetos etéreos, fantasmáticos, valorativos ou quiméricos,

tais como a virtude, a justiça, os unicórnios, ou personagens de literatura inseridos em universos imaginados como plataformas ficcionais.

6 Do destaque imagético à pregnância dos objetos

O único *mesmo* em primeira pessoa é a consciência autoreferente, fugaz e evanescente. É o *cogito* do enunciado que logo se perde na enunciação. Todas as formas são cegas à ideia do *mesmo* e do *diferente*. É a consciência que organiza o mundo nas cartesianas ideias claras e distintas, ou nas espinosistas ideias adequadas. As próprias ideias são recortes pregnantes do que se destaca na *res cogitans* e das suas relações igualmente pregnantes da *res extensa*. Ideias, conceitos, significantes são construções simbólicas e dependentes da linguagem. Mesmo as ideias oriundas de eventos físicos de evidente constatação empírica, como a de causalidade, dependem de uma simplificação cognitiva e de um recorte dos seus vetores mais evidentes e pregnantes em um real multivariado. Assim, a relação de causa e efeito entre, por exemplo, o empuxo do taco e o movimento retilíneo da bola de bilhar é pregnante e se destaca por sobre múltiplas outras variáveis como a densidade e direção do fluxo de ar, o grau de perfeição da forma do taco, da esfericidade da bola, o grau de perfeição do plano da mesa e um sem número de possíveis variáveis outras nas dimensões moleculares, atômicas e subatômicas do ato de jogar, para não falar das relacionadas aos jogadores e à construção simbólica do próprio jogo, com as suas regras, nomeações, etc.

Embora seja absurdo negar a plataforma física dos eventos, bem como a interação causal dos seus diversos elementos (átomos, moléculas, tacos, jogadores), a escolha das variáveis relevantes, a composição das regras e a nomeação dos atores do jogo são dependentes de uma consciência dotada de memória narrativa, linguagem e desejo, capazes de, sobre um fundo de matéria cega, contingente e desprovida de intencionalidade, separar os compósitos taco, bolas, etc., nomeando-os, extraindo-os da concretude das coisas e capturando-os na fluidez plástica dos significantes. Uma vez capturados na teia simbólica, podemos agora falar em bolas de bilhar como conceito universal, mas também identificar o recorte pregnante desta bola de bilhar, que não é uma mera esfera, uma vez recebido o atributo como elemento do jogo, e que permanece como a mesma bola de bilhar, idêntica na forma, mas distinta da outra bola de bilhar, instalando-se assim a coincidência das diferenças concretas, imaginárias e simbólicas.

7 O mundo como seleção e descarte

Segundo Metzinger (2009) o real do mundo concreto, na inteireza do que há, é inapreensível pela sensibilidade dos sentidos humanos e pela nossa limitada capacidade de organizar tais sentidos em percepções. A seleção natural nos dotou dos instrumentos sensíveis para captar um limitado espectro de comprimentos de onda advindos do real, o que nos permite transitar em uma realidade criada a partir do processamento e organização pragmática dos estímulos da natureza. Ela nos capacitou a identificar uma profusão de sinais em certa faixa de comprimentos de onda, imersa em um mar de partículas e ondas eletromagnéticas abaixo e acima do espectro da nossa capacidade de “foco” e

sensibilidade. Os humanos, tais como os demais animais, são sensíveis a estímulos de uma natureza caótica, aos quais acrescentamos sentidos e pacificação, nos limites da nossa sensibilidade e percepção. O processo evolutivo nos adaptou a um nicho específico do mundo natural. “A consequência de tal adaptação é que, para nós, a realidade percebida é um limitado recorte do mundo físico que transborda exuberante do lado de fora dos nossos modelos mentais” (LEDO, 2020).

Com sentidos limitados, somente a mente dotada de código pode recortar percepções e gerar singularidades e diferenças. A consciência ordena a matéria e as coisas segundo as pregnâncias determinadas pelas suas relevâncias adaptativas e de sobrevivência. Matéria que faz conjunto é prenante. As correntes de ar atmosféricas são prenantes aos pássaros, tendo em vista as suas relevâncias para a navegação aérea e para as suas sobrevivências. O conjunto material concreto, por exemplo: uma rocha, é prenante para um cavalo e para o homem, embora não da mesma forma. Para o homem é prenante como coisa-obstáculo ou como elemento de construção, para o cavalo como obstáculo. Para um inseto que vive em uma ranhura da pedra, e apesar de esta ser o seu mundo, a rocha pode não ser prenante, uma vez que, sem contraste e contorno, não se apresenta como figura e fundo. Da mesma forma, a linguagem, universo no qual transitamos, não se apresenta prenante até nos darmos conta da sua importância como criadora de mundos e a tomarmos como objeto.

8 A alienação na linguagem

Ao emergir do código biológico estereotipado à linguagem recursiva das línguas naturais, os humanos se tornaram mestres e escravos de um universo simbólico que progressivamente se destacou da sua plataforma natural e biológica, o que lhes deu autonomia em relação ao mundo das coisas para “navegar” no mundo das representações e dos significantes.

Da linguagem primitiva, concreta, onomatopéica e ancorada no mundo natural, nos alçamos à linguagem dos significantes que se remetem não mais às coisas, mas a outros significantes, o que nos permitiu a criação de fantasias, quimeras, ficções, arte e narrativas diversas. A linguagem tornou-se o fator delimitante dos objetos da consciência. A pregnância do nome se destacou da pregnância da coisa e o recorte da cultura sobrepujou o da natureza. Nesse processo, o que persiste como o mundo e o que diverge como diferença, são investidos por atributos nomeados e representados no universo da língua, embora guardem alguma relação com o empirismo da coisa. A resultante deste fato é que a individualização gestáltica de figura e fundo que bordeja o conceito, atributo de cada objeto, torna-se independente dos limites das sensações integradas. A pregnância imagética para um animal, como um cão, destaca uma bicicleta como objeto-imagem com limites múltiplos e polimórficos que se movimentam em bloco. Nesse caso, a pregnância é dependente da integração dos sentidos em uma organização perceptiva. Sem nomeação, a bicicleta é uma coisa que interfere em um mundo imagético e material. Para um humano a mesma bicicleta é sobretudo um nome. O conjunto dos materiais que a compõem não se encontra unificado por alguma lei ou força da natureza, por um *conatus*, mas pela amálgama de uma pragmática utilitária (transportar ou divertir

alguém) guiada por narrativas que fundamentam a engenharia da bicicleta. Trata-se assim de um fenômeno linguístico, significante e cultural, que nos permitirá a universalização do conceito *bicicleta*, idealizada qual objeto platônico; ora singularizada, quando apontamos *esta bicicleta*, ou *uma bicicleta diferente*; ora como *diferença*, contrastando com os objetos que não são bicicletas.

9 Corpo e linguagem

Notamos que somente a partir da emergência de uma consciência pensante, *res cogitans* dotada de linguagem, a delimitação dos objetos naturais se tornou possível. A ciência que identificou e individualizou partículas atômicas, átomos, moléculas e funcionamento biológico é tributária da linguagem que a organiza. A nomeação de “um átomo”, “o mesmo átomo” ou “um átomo diferente” já é uma organização linguística da natureza. O próprio foco de consciência que individualiza o contraste da figura e fundo de um átomo é um fenômeno codificado na linguagem com as suas narrativas lógicas, a partir de observações indiretas e mediadas por instrumentos.

A consciência dotada de linguagem é capaz de narrativas sobre o si-mesmo. Tais narrativas, na verdade, antecedem o nascimento do corpo próprio, e o discurso sobre o futuro sujeito *lhe* é anterior, nas falas dos seus pais e do seu grupo social.

A progressiva constituição do sujeito em primeira pessoa, que será sempre o mesmo, apesar das evidentes transformações sofridas pelo corpo e das identificações imaginárias que estabelecem uma contínua diferença com o tempo pretérito, ocorre a partir de uma ancoragem recíproca entre um corpo com duração, um sistema nervoso capaz de transformar sensações em percepções organizadas de um mundo imagético e finalmente a emergência da linguagem representativa e simbólica, capaz de gerar narrativas sobre o si-mesmo. As histórias que se referem ao corpo-próprio produzem a centelha do eu entre aquelas instâncias que Lacan denominará de real, simbólico e imaginário (LACAN, 1974-1975). A consciência é atualizada na narrativa presente em contraposto ao inconsciente de todas as narrativas possíveis ao sujeito. O fluxo dos significantes localiza *o mesmo* em seu deslizamento fluido entre presente, passado e futuro e é graças aos tempos verbais que localizaremos a persistência do *mesmo* e o contraste da *diferença* na temporalização dos objetos da consciência.

Emoções e afetos básicos se encontram certamente codificados no corpo natural e são o fruto de adaptações evolutivas úteis à sobrevivência das espécies. A emergência da linguagem e das línguas naturais veio recobrir tais emoções com sentidos simbólicos, narrativas e desejos, modulando assim os afetos de acordo com uma gramática que, assim como a própria linguagem, se desloca do mundo natural para, ao mesmo tempo, criar e se confundir com o universo da cultura. O conceito freudiano de pulsão (FREUD, 2020 [1915]) sintetiza à perfeição o ponto de interseção entre o instinto natural e o desejo subjetivo. A hibridização entre o instinto sexual -codificado pela natureza e associado à reprodução e à perpetuação da espécie- e as pulsões que circulam sem objetos ou objetivos naturais definidos é uma especificidade humana. Nos animais a diferença entre o mesmo sexo e o outro sexo é um mero elemento da natureza biológica reprodutiva, são dados alheios aos sentidos simbólicos.

Naturalmente os próprios animais encontram-se inconscientes a tais diferenças, desprovidos que são da capacidade narrativa para formulá-las.

As pulsões, organizadas pelo imaginário identificatório e pelo simbólico pacificador, são o combustível para a separação, classificação e organização dos diferentes gêneros. A própria conceituação de *gênero* é uma categoria taxonômica de algo fluido, que não tem compromisso com os limites estabelecidos pela classificação. Trata-se de uma prisão aristotélica cujas paredes são os limites da linguagem. O *mesmo* gênero ou o gênero diferente são fenômenos tributários de uma realidade recortada pelas regras linguísticas de uma gramática que delimita e atribui pregnância aos conceitos investidos pelas pulsões.

10 Diferença simbólica

Há sempre uma dissonância entre as organizações naturais apreendidas pelo simbólico e a resimbolização desta mesma organização em novo recorte. O mesmo e o diferente podem ser individualizados a partir de atributos abstratos e auto evidentes, tais como *o meu pensamento, este pensamento* ou *algum outro pensamento*. Outra forma é o recorte extensivo por nomeação. Exemplo: a Bahia como área geográfica, plataforma concreta do conceito de estado brasileiro, parte da república, etc., ou a Bahia como mesmo, diferente de Minas Gerais, que possui predicados semelhantes, mas que o que lhes é distinto torna-os dois estados diferentes. Tratamos aqui com organizações simbólicas, dotadas de incidências imaginárias e reais, cujos recortes dependem de consciências que se ponham de acordo. Assim, uma antiga região do México torna-se, em 1845, após uma revolução e ocupação, o estado americano do Texas, associado à imagem de cowboys, ao petróleo ou ao conservadorismo armado. Tais exemplos são agora organizações simbólicas cujos limites e transformações ocorrem a partir de processos históricos e sociais mobilizados por emoções e afetos de impacto coletivo, entre consciências sob o domínio das nomeações simbólicas, logo da linguagem.

Observamos assim que a diferença, apesar da sua aparente simplicidade como dado natural, é sempre dependente da relação observável entre dois objetos e uma consciência. Três vértices de uma relação mínima cuja única exceção é o diferencial dual entre a consciência-de-si e outra consciência. A diferença, mesmo quando estabelecida a partir do mundo material, é sempre um ato da consciência ou do seu correlato inconsciente, se admitirmos que ambos são atravessados pela linguagem que ordena a realidade simbólica. O mundo material é o que há em si-mesmo, porém a mais elementar organização da matéria incontável em coisa contável já exige um ponto de observação consciente capaz de bordar os limites, estabelecer as fronteiras entre a coisa e o mundo e, no caso dos humanos, plasmar sobre a coisa um significante que a representará no jogo diferencial com outros significantes.

11 A coisa mesma e o diferente simbólico

O processo de progressiva simbolização do real ou a nossa capacidade de acrescentar palavras e narrativas ao movimento cego do mundo material,

ocorre a partir de dicotomias e das suas complexificações em politomias progressivas. Assim, uma coisa tem os seus limites em oposição ao mundo e a outras coisas, o que estabelece as duas primeiras diferenciações: a coisa é diferente do que não é aquela coisa (mundo) e diferente de outras coisas singulares. O conjunto das coisas semelhantes é também composto por pequenas diferenças geradoras de subconjuntos. A multiplicidade dos conjuntos possíveis será, no entanto, sempre dependente de uma consciência que os observa, separa e, no caso humano, nomeia a coisa. A resultante de tal processo é que da separação entre, por exemplo, um bóson, um glúon e um lépton, ou entre um padre e um orixá, a diferença sempre será dependente da observação a partir de um *ponto de foco* na ordem de grandeza do mundo. No caso das subpartículas, foram nomeados os fenômenos brutos e cegos do mundo material, no do padre, uma criação simbólica inexistente no mundo natural, embora dependente da plataforma orgânica do corpo humano que se encontra associado a pelo menos um caso cujo predicado é ser padre, e finalmente um orixá, objeto cultural e integralmente simbólico, sem existência no mundo material.

O *mesmo* e a *diferença* encontram-se assim em perpétua dialética desde que o todo do universo começou a se agregar assimetricamente em partículas, energia e coisas. Porém, o entendimento do processo e o próprio conceito de dialética terão que esperar a emergência da inteligência com capacidade narrativa para serem eles mesmos destacados como elementos pregnantes do universo simbólico.

O recorte nominável que organiza a realidade encontra-se assim em permanente interdependência com o real concreto do mundo material e com as formas imagéticas desse real já capturado pela percepção organizada das coisas. Real e imaginário, tal como nas instâncias lacanianas (LACAN, 1974-1975), já se encontram imbricados na etologia e determinam o ordenamento da realidade para a consciência animal. Os humanos, guardando o processo imagético como parte dessa organização, progressivamente lhe superpuseram a nomeação narrativa. O simbólico nos destacou dos limites estritos da relação entre as coisas e nos presenteou com a fluidez dos significantes, o que nos permitiu criar ficções, quimeras e fantasias, além de entender e ordenar a própria natureza de onde emergimos. A diferença *em-si* seria em consequência um fenômeno sempre secundário à consciência que, em separação analítica, recorta a realidade, atribuindo-a conceitos de *o mesmo* e *o diferente*. Do átomo ao gênero, a realidade humana é atravessada pela linguagem.

As categorias aristotélicas (ARISTÓTELES, 2000), organizadas com os seus gêneros e predicados foram talvez a primeira tentativa de explicitar de forma sistemática o ordenamento da realidade a partir do destaque diferencial entre os existentes. Tal como ocorrerá com as ideias claras e distintas em Descartes, as categorias tomam os conceitos oriundos da cultura como a representação lógico-racional da natureza. Um sujeito e o seu predicado, um substantivo em uma categoria e uma ideia clara na mente serão sempre o recorte simbólico pregnante em uma cultura e não a representação *ipso facto* da natureza concreta, embora entendamos que as sensações e os seus ordenamentos nas percepções encontram-se na base das construções simbólicas (*nihil in intellectu nisi prius in sensu*). Esse limite entre a narrativa ordenadora e a natureza *em-si* se estende por toda a filosofia e pelas ciências, além, é claro, do senso comum.

12 Sexo e gênero

Tal como outras pregnâncias da realidade humana, as formas de sexuação são dependentes tanto da natureza quanto da cultura. Na biologia são guiadas pelos vetores naturais dos instintos. A cauda do pavão que faz a sua corte, os feromônios ou a silhueta dos quadris em mamíferos são sinalizadores biológicos e animais para o acasalamento e naturalmente estão presentes na dimensão animal dos humanos. Guiados por tais reações instintuais que miram a preservação da espécie, os animais têm a sua sexualidade organizada a partir da dicotomia macho e fêmea, masculino e feminino, embora mesmo na natureza encontremos outras formas de distribuição de funções sexuais. O vetor natural da sexualidade, submetido a tal dicotomia, não é certamente irrelevante para o recorte da sexualidade humana. A sua influência se apresenta evidente na alta frequência com que esta se organiza na heterossexualidade. Porém, assim como em outros destaques da realidade promovidos pelas narrativas simbólicas, a sexualidade humana foi atravessada pela linguagem, o que a desgarrou dos seus fundamentos biológicos e a fez emergir em uma codificação erótica com uma gramática que permite combinações significantes de fantasias plasmadas sobre o corpo próprio. Aqui o estímulo do instinto é parasitado pela pulsão, nos seus termos freudianos (FREUD, 2020 [1915]), em cujo envelope linguageiro se adaptam as diversas formas de exercícios da sexualidade, bem como as múltiplas organizações em diferentes gêneros.

Obviamente, nos humanos a sexualidade é também reprodutiva, mas foi cooptada pela imaginação e pela fantasia. As identificações em gêneros são o recorte pregnante, construído no ponto de corte emergente das construções narrativas, logo simbólicas, *amarradas* em um corpo permeado por necessidades biológicas, com emoções mobilizantes que ganham sentido nas narrativas sobre o si-mesmo.

A organização simbólica que, a partir da modulação pulsional, codifica a emergência dos objetos de gozo é ela mesma dependente da gramática social que legisla sobre os costumes, bem como das suas subversões. Assim, sob a égide do Édipo e do seu correlato falocentrismo patriarcal, criou-se a separação de gêneros em conformidade com a dicotomia do sexo biológico. Com o ocaso da legislação falocêntrica, a polifonia dos discursos desamarrou o corpo da natureza e o lançou nas múltiplas possibilidades de organização do desejo e das suas identificações. Do *mesmo* ao *diferente*, a sexualidade se reorganizou na multiplicidade de relações entre *o mesmo* e *os diferentes*, com seus respectivos gêneros e nomeações.

13 A realidade ordenada

A individualização dos objetos na ordenação da realidade humana pode, para fins de entendimento, ser decomposta entre diferentes contrastes que determinam as pregnâncias de objetos comuns ao reino animal, como a silhueta de predadores, cheiros de alimentos, ou formas que despertam excitação erótica. Como uma nova camada sobre esses impulsos naturais, sobrepõem-se os objetos carregados de narrativas e nomeações, próprios ao domínio humano.

Eu e o meu gato, na minha sala de visitas, observamos um mesmo quadro, uma *madona* estilizada entre o realismo pictórico e um pseudo

renascimento inspirado nas curvas de um Botticelli. O gato certamente o interpreta como um conjunto de pigmentos luminosos. Talvez, quem sabe, caso a pintura lhe seja suficientemente realista, lhe pareça uma imagem humana. O recorte e a pregnância se dará sob a dependência da concretude material e da sua organização imagética. Diante da mesma imagem tenho uma outra experiência. É verdade, os mesmos raios de luz com os mesmos comprimentos de onda atingem as minhas retinas, como as do meu gato. A mesma percepção de pigmentos e a mesma pregnância de uma imagem, no caso da pintura realista. Porém, a percepção humana, atravessada pela linguagem, acrescenta àqueles pigmentos os contrastes e recortes que me permitem identificar uma mulher trazendo ao colo uma criança e, a partir da sua composição e contexto, nomeá-la como uma *madona*. Subjacente a essa identificação encontramos a gramática cultural que determina os limites, o recorte simbólico do que é uma *madona*. Sem que tais reflexões apareçam em narrativas diacrônicas para a percepção da pintura, estou submetido ao conhecimento sincrônico, estrutural, de uma língua que me transmite a informação de que uma *madona* é parte da iconografia canônica da cultura ocidental, estabelecida na Itália renascentista; que simboliza, para uns, a maternidade, a pureza, ou a transcendência religiosa; para outros, uma mera tradição cultural, artística ou decorativa. A experiência se desenrola em diferentes níveis que me elevam da biologia à cultura, guiado por narrativas organizadoras do mundo. A individualização dos objetos da consciência me permite experimentar a *mesmidade* do conceito ideal de *uma madona*, mas também a singularidade da *madona* exposta na minha parede, criada pelo pintor X, diferente de outras também pintadas pelo mesmo artista ou das *madonas* de pintores diferentes.

O mármore que se encontra no Davi de Michelangelo é o mesmo dos corredores da estação ferroviária de Florença, mas a imagem da estátua está repleta de objetos que não são mármore. Primeiramente é a imagem de um homem, percepção que talvez seja compartilhada pelos cães do serviço de segurança da *Galleria dell'Accademia*, mas, para além disso, é o Davi, herói de uma narrativa bíblica, uma das bases da cultura ocidental; também é fruto de narrativas de base humanística, característica da renascença, o que nos remete aos mecenas Médici, Colonna ou Sforza, ricas famílias que com fortunas e poder financiaram a formação de grandes artistas, como o próprio Michelangelo, impregnados de imagens e conceitos do belo, congruentes com as narrativas daquele momento histórico. É nessa última camada de saturação do objeto Davi que encontramos a característica exclusivamente humana de percepção. Nela o mármore e a imagem foram envelopados pela nomeação (Davi), primeiro significativo para um desfile de muitos outros que comporão as narrativas do mito, da história da arte e da cultura em geral. O Davi de Michelangelo é, ao mesmo tempo, o mesmo personagem bíblico retratado no Davi de Donatello, mas, e sobretudo, um Davi diferente no seu mármore, na sua imagem e nos focos narrativos que compuseram a ambos e nos informam sobre a existência de dois gênios em uma mesma cidade italiana.

Camadas de estratificação também são encontradas nos recortes biológicos selecionados pela consciência como objetos pregnantes. O corpo biológico pode ser decomposto em suas reações químicas ou mesmo nas suas dimensões atômicas e subatômicas, mas nos humanos se desenvolve com algumas características comuns aos mamíferos, como um metabolismo

homeotérmico, controlado por sensores sensíveis a pequenas variações químicas e físicas e comportamentos guiados por instintos. Sobre esse “mármore” biológico, superpõem-se as camadas de atributos e narrativas organizados pelo mundo da linguagem, lavando-nos a ascender da necessidade ao desejo, do sexo ao gênero e da natureza à cultura. Uma vez alçados dos códigos biológicos à linguagem, nos dotamos dos instrumentos heurísticos de perquisição e separação perceptivas de onde, em realidade virtual e simbolicamente ordenada, emergem o mesmo e a diferença.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Das Categorias**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. (384 a.C-322 a.C)
- DESCARTES, R. **Discours de la méthode**. Paris: Flammarion, 2020. Trabalho original: 1637.
- FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Trabalho original: 1915.
- HUSSERL, E. Investigações lógicas. Husserl: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Trabalho original: 1900/1901.
- KANT, E. **Critique de la raison pure**. Paris: Flammarion, 1987. Trabalho original: 1781.
- KENNY, A. **Filosofia do mundo moderno**. Lisboa: Gradiva, 2007.
- LACAN, J. **Le séminaire, livre XXII: RSI (1974-1975)**. Disponível em: <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975>. Acesso em: 31/03/2021.
- LEDO, E. **Traço, código, linguagem e memória. A emergência da mente entre o “Projeto” freudiano e a neurobiologia moderna**. Orientador: Auterives Maciel Júnior. 2020, 113f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.
- METZINGER, T. The Ego Tunnel. **The Science of the Mind and the Myth of the Self**. New York: Basic Books, 2009. Kindle Edition.
- RUSSELL, B. **História da filosofia ocidental - Livro 3: A Filosofia Moderna**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. Trabalho original: 1945.
- SCRUTON, R. **Uma breve história da filosofia moderna, de Descartes a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus et investigations philosophiques**. Paris: Tel Galimard, 1961. Trabalhos originais: Tractatus logico-philosophicus (1921); Investigations philosophiques (1953).

Recebido em 31 de março de 2021.

Aceito em 10 de maio de 2021.

Publicado em 22 de julho de 2021.

SOBRE O AUTOR

Eduardo Ledo Alves Pereira é doutor em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2020) e mestre em Medicina pela Universidade Federal da Bahia (2001). Foi Professeur Adjoint de Psiquiatria da Université de Sherbrooke - Canadá (2002-2003); Professor de psiquiatria do Curso de Medicina da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2004-2009); D.E.A. Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse - Université de Paris VII - França(1995); Médecin Attaché au Centre Hospitalier de Gonesse, França (1993-1995); Médecin Étranger au Centre Hospitalier Sainte-Anne, Paris-França (1990); Master in Psychopharmacology pelo Neuroscience Education Institute-USA (2014); Membro da Harvard Medical School Postgraduate Association- USA; Especialista em Teoria Psicanalítica de Orientação Lacaniana - FBDC (2008); Especialista em Psiquiatria pela ABP/AMB (1992); Especialista em Psiquiatria da Infância e Adolescência pela ABP/AMB (2009); Médico pela Universidade Federal da Bahia (1987); Especialista em Neurociências- PUCRS (2021).

E-mail: eduardo_ledo@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8631-0207>